

NATALIA AVILA

NÃO

DIREI QUE

É AMOR



NATALIA AVILA

NÃO DIREI QUE É AMOR



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Natalia Avila, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

Preparação: Renato Ritto
Revisão: Barbara Parente e Elisa Martins
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Filipa Pinto | Foresti Design

Todos os trechos de *Sonho de uma noite de verão* presentes nesta obra foram retirados da coleção *Clássicos para todos*. Ver: Shakespeare, William. *Sonhos de uma noite de verão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2023.
Tradução: Barbara Heliodora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Avila, Natalia	
Não direi que é amor / Natalia Avila. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.	
304 p.	
ISBN 978-85-422-2318-7	
1. Ficção brasileira I. Título	
23-3891	CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

✧

É SÓ UMA CHUVA, NÃO O FIM DO MUNDO.

✧



É humanamente impossível prever qual dia será de sol ou de chuva com dois anos de antecedência, certo? Acho que esse é um argumento perfeitamente razoável, lógico, sensato. Se respondeu que “sim”, é sinal de que você não faz parte da minha família. Muito menos do circo de insanidades que os Vieira Albuquerque me fazem vivenciar.

As gotas grossas vazavam pelo frágil teto da Casa da Noiva, onde minha irmã, Jéssica, estava aos prantos. Duas madrinhas tentavam acalmá-la, e minha mãe havia feito um drink que deixaria qualquer barman horrorizado, misturando maracujá, água de coco e um alprazolam destroçado como se ninguém estivesse reparando.

Ao menos Jéssica estava usando o vestido de seus sonhos, branco como a neve, com o corte sereia que a deixava parecendo a própria Ariel – ainda mais com o cabelo tonalizado de ruivo. Ela estava linda, mas eu não diria isso em voz alta. Não enquanto já tinha dezenove pessoas a orbitando como uma galáxia disfuncional, tentando convencê-la de que o casamento não seria arruinado por causa da chuva.

Suspirei, apreciando o ar úmido que entrava pelas minhas narinas. Estava frio também. Um frio surreal para o início de maio em São Paulo, e eu detestava a minha irmã naquele momento, pois ela havia me proibido de usar uma jaqueta de couro na festa (de couro *falso*, óbvio. Não sou psicopata para usar um animal morto em mim).

Só que não tem como odiar a própria irmã, não existe permissão pra isso. Meus pais nos obrigaram a nos amar desde que nasci – porque sou a caçula. Jéssica teve uns bons quatro anos sem a obrigação de amar alguém, já eu... veio no contrato de fábrica. Minha digníssima irmã mais velha ainda teve o privilégio de escolher o *meu* nome, o que honestamente é a única parte em que não me ressinto dela. Bom, também não existe permissão para odiar uma noiva. (No dia do casamento. Antes, quando ela está sendo a própria noivazilla, é senso comum que *todo mundo* odeia a noiva. Inclusive o futuro cônjuge.)

Sendo assim, fiquei sozinha na varanda estreita, observando a névoa se formar no horizonte às três da tarde, e toda a esperança de registrar o *first look* com a *golden hour* no sítio alugado para a cerimônia fora por água abaixo. Soltei um ronco em um riso abafado. A piada era boa, mas o público atrás de mim, a julgar pelas lamúrias exageradas e suspiros, não era o ideal.

Uma gota gelada expandiu ao atingir a saia de tafetá do meu vestido azul *serenity*. Minha irmã havia escolhido para mim uma

monstruosidade, alegando que ficaria lindo nas fotos de família porque era da mesma cor da gravata do papai e do sapato da mamãe. *Arg*, noivas e a mania de querer planejar os mínimos detalhes. Francamente, essa necessidade de controle devia ser tratada com terapia, não com comprimidos de receita azul. Uma pena que você não pode controlar o clima, maninha.

Minha mãe apoiava cada um dos seus caprichos como se fosse uma prece e exibia a primogênita como sua obra-prima, enquanto eu era a versão atualizada com bug. Cresci ouvindo frases do tipo “Sua irmã só tira notas altas, não sei como você saiu assim”, “Olhe como Jéssica passa o tempo livre dela! Fazendo crochê, em vez de ver TV o tempo todo”, “Como pode duas meninas da mesma mãe e do mesmo pai serem tão diferentes?”.

Jéssica sempre foi celebrada, enquanto a minha existência era tratada como uma inconveniência. Um plano que deu errado. Uma frase escrita na margem de um livro.

Voltei a atenção para o interior do quarto, aproximando o ouvido da fresta de vidro diante da aparente calma. Jéssica estava pingando colírio nos olhos sentada na cadeira de maquiagem, certamente para afastar a vermelhidão após o seu chilique. Eu que deveria estar fazendo um estardalhaço, sentenciada a tremer de frio graças a um vestido ridículo.

A saia tinha o caimento armado, bufante demais para o meu gosto *nem-tão-exagerado-nem-discreto-demais*, mas era a renda da parte de cima que me dava pesadelos. As flores bordadas pareciam ter vindo diretamente do *patchwork* de algum pano de prato, daqueles que minha avó só colocava na cozinha em dia de Natal e Ano-Novo. O modelo ombro a ombro havia sido desenhado por uma modelista que jamais ouvira falar de praticidade. Era revoltante que mangas tão desconfortáveis e

apertadas fossem produzidas em pleno século XXI. Ao menos a fita preta e delicada de cetim em meu pescoço dava um toque sutil de rebeldia.

Engoli meus comentários ácidos e fitei meu reflexo no vidro. Os cachos já haviam se desfeito do babyliiss, litros de laquê desperdiçados. A trança embutida ainda estava firme, mas os fios que estavam soltos para dar um charme agora haviam se expandido por causa da umidade. Meu cabelo era castanho-claro, assim como o de Jéssica antes de tingir, mas eu tinha mechas mais claras no contorno do rosto e nas pontas, que agora pareciam mais ressecadas do que de costume. A maquiagem que fiz ao menos estava intacta, com o delineado preto impecável e uma camada fina de gloss rosado nos lábios. A marca do biquíni, eco de um verão que já passara havia muito, começava a desaparecer. Naquela luz opaca, ninguém jamais enxergaria as nuances tom de mel em um dos meus olhos... a pessoa precisaria estar perto demais para reparar na minha leve heterocromia, e digamos que eu havia prometido que iria me comportar.

Afinal, era o dia *dela* – como se todos os outros antes disso não fossem.

— Falei que usar lentes de contato não era o fim do mundo.
— Abri a porta de vidro, que correu rangendo pelo metal úmido.
— Ainda bem que tinha um colírio por perto, se não iam achar que a noiva havia se arrependido. — Dei um sorriso, brincando.

Jéssica me fuzilou da cadeira onde estava.

— Nem todo mundo se arrepende das decisões que toma, Noelle.

— Calma, princesa. Hoje é seu dia, você está linda e o casamento vai ser maravilhoso. — Tentei, embora as palavras não tenham saído de forma natural; minha mãe, porém, estava

hiperventilando e alinhava os perfumes que estavam em cima da bancada, enquanto as madrinhas desviavam o olhar de seus perfis no Instagram para olhar para mim.

— Não é o que sonhei, mas pelo menos é com quem sonhei. Isso é que importa — minha irmã repetiu, precisando se convencer. A maquiadora terminava de pincelar o iluminador no alto de suas bochechas. Parecia que a lua estava refletida ali.

— Maninha, não dá pra adivinhar que dia vai chover, relaxa. É só *um* dia.

— Como assim é só *um* dia? — Ah, não, acordei a noivazilla. Isso implicava a existência de um King Kong em trajes de gala, que eu esperava que surgisse de algum lugar e me levasse para o alto do Empire State para me salvar dessa maluca. — É o dia mais importante de toda a minha vida! Você tem noção de por quanto tempo a gente teve que juntar dinheiro pra pagar esse lugar? O quanto que toda a nossa família se uniu para que pudessemos viver nosso sonho, Noelle?

— Jéssica, eu falei “um” numeral, não “um” artigo. Você terá outros dias perfeitos na sua vida. É tipo marcar viagem pra praia, a gente não sabe quando vai chover. Eu falei pra você que era possível que chovesse, mas você não me ouviu.

— Aposto que você está feliz de estar certa, não é?

— Você realmente está me culpando por estar chovendo? Eu tenho cara de São Pedro?

— Você falou tanto que ia chover, e agora olha só! O mundo está desabando!

— Você não pode estar falando sério, Jéssica. Mãe, fala com ela! — Mas minha mãe me olhava desapontada.

— Noelle, já chega. Hoje é o dia da sua irmã.

Prendi o ar, tentando não esboçar uma reação exagerada. As lições das aulas de teatro sempre me salvavam nesses momentos.

— Eu não vou ter o casamento na natureza que sempre sonhei — ela lamentou, pegando na mão de Luiza, sua amiga de infância, que tinha *lágrimas* nos olhos.

— Jéssica, sinto te dizer, mas a chuva é *parte* da natureza! E se você não fosse tão controladora com a aparência de todo mundo e um pouco mais autêntica nos seus valores, poderia assumir sua vontade de realmente casar perto da natureza não reclamando do tempo.

— Eu já disse *chega*, Noelle! — Minha mãe me puxou pelo braço, a renda pinicou enquanto me arrastava para fora da Casa da Noiva. Os murmúrios lá dentro começavam. — Espere a gente no altar. Jéssica não precisa das suas provocações infantis hoje.

— Ela precisa de um raio de sol.

— Sim. E você está longe de ser um, minha filha.

Uma linha fina prendia os lábios da minha mãe, e ela não se importou em virar as costas para acolher a filha.

Uma delas, pelo menos.



ESPERAR PARA ABRIR A MESA DE DOCES É UMA FORMA DE OPRESSÃO.



Uma coisa que eu amo em casamentos: open bar. A única alegria possível após submeter os convidados a cinquenta minutos de uma cerimônia arrastada e monotônica. Jéssica andava pelo salão com o sorriso congelado no rosto, apesar de eu ter percebido sua revolta ao ver que a barra do vestido estava manchada de lama. Eu poderia dizer que era perfeitamente normal, e que acontecia até em casamentos em dias ensolarados, mas preferi não “atrapalhar”.

Em vez disso, fiz o papel de boneca perfeita. Sorri durante toda a celebração e no ensaio de fotos com a família; abracei e falei para Marcos que ele era bem-vindo, um novo irmão para mim e todo o resto do protocolo necessário. Agora que Jéssica

tinha seus registros perfeitos da sua família perfeita em um dia totalmente imperfeito, eu estava livre para fazer algo que realmente gostava: beber até me esquecer de onde estava. Só que a quantidade surreal de parentes à minha volta me lembrava constantemente de quem eu era.

— Fica lá na frente pra pegar o buquê que logo, logo um rapaz bonito te pede em namoro e você casa! — gritou minha tia Viviane contra a música alta. Era “Break My Heart”, da Dua Lipa, que já cantava o segundo refrão. Eu me perguntava se alguém checava as letras das músicas antes de montar a playlist do casamento.

— Não quero me casar, Vivi — respondi com um sorriso descontraído. Ela havia me proibido de chamá-la de “tia” na frente do segundo marido. Era apaixonada por “procedimentos estéticos não invasivos”, como chamava, e se orgulhava do corpo escultural que mantinha com um estilo de vida excessivamente regrado. Ela era autêntica, exibia o decote no vestido azul anil com orgulho, e eu admirava isso. A semente de maracujá do meu drink começava a entupir o canudinho, impedindo que a vodca cumprisse o papel de tirar minha consciência.

— Noelle, você ia amar ser noiva! Ia ficar belíssima vestida de branco, e com todos os preparativos, flores, organza e o circo todo. Acredite em mim, já fiz isso duas vezes. — Ela se aproximou para que o número 2 não a escutasse e deu uma piscadinha. — E estou pensando em fazer uma terceira.

— Não é assim que casamentos deveriam funcionar, Vivi — murmurei com o canudo apoiado nos lábios.

— Casamento é uma indústria. Não faz sentido misturar o Estado e a família numa relação a dois. Então, minha querida, ouça meu conselho. Ache alguém bonito o bastante para apresentar à família, que tenha o QI maior que um cachorro treinado. Faça a festa, tire muitas fotos, divirta-se e se separe.

— Não planejo me divorciar aos vinte e dois anos, tia. Sem ofensas.

Ela levantou as mãos, despreocupada. Passou o braço no do meu “tio” e, com a mão livre, pegou a caipirinha da minha mão.

— Se beber demais no início da festa, não vai saber quem é bonito e quem é feio. Me agradeça depois. Se vir alguém sem aliança entre cinquenta e sessenta anos que tenha um bom porte, dê meu número.

Fiquei de mãos vazias vendo meu drink flutuar para longe de mim junto aos conselhos duvidosos da minha tia. Eu estava cercada por maníacos cismados com casamentos e não tinha para onde escapar. Caminhei de volta ao único lugar lógico naquele momento: o bar.

Em festas, as pessoas não bebem porque realmente querem *ingerir* álcool. Ninguém deseja colocar no organismo um zilhão de substâncias tóxicas, acelerar a oxidação da pele nem nada disso. Elas bebem porque precisam parecer descoladas. Porque não sabem como agir com quem está a sua volta. Porque não querem se lembrar de quem são.

Mas, principalmente, para ter o que fazer com as mãos.

O vestido ainda prendia meu braço, a renda já deixando um baixo relevo de flores cafonas contra minha pele, e arrepios desciam pela minha espinha sem uma jaqueta para me aquecer.

Atravessei a decoração extravagante, os *lounges* com sofás de linho, tapetes persas vermelhos e arranjos de flores que traziam a natureza para o interior do salão. A mesa de doces, o lugar mais interessante de toda festa, estava fechada até uma hora determinada pela controladora da minha irmã, que definiu que os doces eram para *enfeitar*, não para comer.

O cheiro de chocolate invadiu minhas narinas, aconchegante como se tivesse saído de um desenho animado, e em uma olhada